

ENSINO DE FILOSOFIA, LITERATURA DE CORDEL E TEATRO DE RUA: “TRÍADE” PARA UMA PRÁXIS FILOSÓFICO-EDUCACIONAL

José Belizario Neto¹
Manoel Messias Belisario Neto²
Ismael Newton de Oliveira Farias³

Resumo

Defender a temática “Ensino de Filosofia, Literatura de Cordel e Teatro de Rua: ‘Tríade’ para uma Práxis Filosófico-Educacional” significa afirmar o Ensino de Filosofia conduzido pelas estratégias metodológicas da Literatura de Cordel e do Teatro de Rua. A ensinabilidade filosófica com estas estratégias tem por objetivo consolidar o exercício da referida Práxis, pela qual ocorre o exercício do filosofar, perspectivando uma aprendizagem significativa e relevante, capaz de proporcionar a emancipação humana. A “tríade” (que formula uma espécie de diálogo “triangular”) que se apresenta no tema do artigo parece, mas não é redundante, pois quando ocorre uma “práxis” nos termos em que debatemos neste artigo, isso incide em uma indissociabilidade entre as três categorias do referido diálogo “triangular”. Tal indissociabilidade acontece porque a gênese da própria Filosofia, bem como da Literatura de Cordel e do Teatro de Rua, está ancorada no exercício da democracia.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Literatura de Cordel, Teatro de Rua, Democracia, Sensibilização.

Abstract

Defending the theme “Teaching Philosophy, Cordel Literature and Street Theater: ‘Triad’ for a Philosophical-Educational Praxis” means affirming Philosophy Teaching conducted by the methodological strategies of Cordel Literature and Street Theater. Philosophical teachability with these strategies aims to consolidate the exercise of said praxis, through which the exercise of philosophizing occurs, with a view to meaningful and relevant learning, capable of providing human emancipation. The “triad” (which formulates a kind of “triangular” dialogue) that appears in the article's theme seems, but is not redundant, because when a “praxis” occurs in the terms we discussed in this article, it affects an inseparability between the three categories of that “triangular” dialogue. Such inseparability occurs because the genesis of Philosophy itself, as well as of Cordel Literature and Street Theater, is anchored in the exercise of democracy.

Keywords: Philosophy Teaching, Cordel Literature, Street Theater, Democracy, Awareness.

¹ Doutorando em Filosofia pela UNICAMP; Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: belizarioufam@gmail.com

² Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Professor de Língua Portuguesa na SEDEC – João Pessoa/PB e na SEDUC/PB. Poeta da Academia de Cordel do Vale do Paraíba - PB. E-mail: manoelbelizario33@gmail.com

³ Bacharel em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Ator de Teatro e Cinema. E-mail: ismael_newton@yahoo.com.br

Introdução

O artigo intitulado “Ensino de Filosofia, Literatura de Cordel e Teatro de Rua: ‘Tríade’ para uma Práxis Filosófico-Educacional” se propõe a debater novas metodologias para o Ensino de Filosofia, a saber, Literatura de Cordel e Teatro de Rua. O debate culmina com uma análise de cordéis (cujas declamações foram teatralizadas em um evento de formação de professores de Filosofia na UFAM).

Como metodologia de explanação, o artigo está exposto em dois itens. No primeiro, discutimos sobre a conexão entre Ensino de Filosofia, Literatura de Cordel e Teatro de Rua, tendo como fio condutor o exercício da democracia (o que torna indissociáveis as três categorias da conexão mencionada acima).

No segundo e último item, fizemos uma breve análise de três cordéis: I- “Filosofia é Resistência”; II- “Ensino de Filosofia, Fanzine e Poesia”; III- “Uma ‘nau’ Filosófico-Educacional”⁴.

1. Conexão entre Ensino de Filosofia, Literatura de Cordel e Teatro de Rua

O ensino de Filosofia, pautado em uma práxis filosófico-educacional, deve ser norteado pelo exercício da democracia (o princípio básico da própria filosofia, desde sua origem na Grécia Clássica). Neste contexto, ensinar Filosofia é um ato político que exige dedicação, disciplina, dialogicidade e disposição para estabelecer um diálogo entre a referida disciplina e outras áreas de conhecimento que favoreçam o estabelecimento de novas metodologias de ensino.

Neste contexto, a Filosofia não se encontra isolada de outras áreas do conhecimento, embora seja detentora de vocabulário e método próprios. Há uma relação de interdependência entre a Filosofia e outros campos do saber, como por exemplo, com a Literatura, o Teatro, etc.

Com relação ao diálogo entre a Filosofia e a Literatura, Paulo Volker afirma:

Filosofia e literatura, então, se identificam por participar desse lugar caracterizado pela absoluta liberdade das necessidades da vida, pois exigem, tanto para sua fruição, quanto para a sua produção, esse desligamento dos interesses imediatos. Afinal, de que serviria, para um esfomeado, as aventuras do ‘cavaleiro da triste figura’ e seu cavalo Rocinante? De que serve as ‘Mônadas’ de Leibniz para aquele que vive na penúria? (VOLKER, 1999, p. 140)

⁴ Os três cordéis foram utilizados para sensibilização de temáticas que foram expostas nas Jornadas da Residência Pedagógica (RP) de Filosofia da UFAM, conforme detalharemos no desenvolvimento do artigo.

No escopo deste diálogo, encontra-se a Literatura de Cordel⁵ que, com sua linguagem acessível, crítica e criativa, pode ser utilizada como estratégia metodológica para o ensino de Filosofia.

Neste contexto, a Literatura de Cordel vem despontando, no cenário escolar, como atrativa ferramenta pedagógica. Os folhetos criados pelos poetas cordelistas podem ser inseridos em quaisquer disciplinas e atividades a depender do tema e da proposta de ensino de cada professor. A musicalidade das rimas metrificadas da arte literária do cordel entra facilmente no “cardápio” do gosto popular. Assim é definida essa literatura:

A literatura de Cordel é uma expressão cultural muito conhecida e apreciada. Tradicionalmente, essa literatura é feita em formato de folhetos, vendidos em feiras livres e em algumas bancas de revistas, destinados para um público mais popular, e que posteriormente alcançou o interesse de estudiosos e cientistas, devido a sua importância e identidade única (SILVA, 2012, p. 7).

De fato, a Literatura de Cordel atraiu bastante a atenção da Academia e, na atualidade, é fonte de pesquisa em programas diversos de várias universidades.

Assim, como para elaborar um soneto é preciso seguir regras rígidas, também há normas fixas para que um poema seja considerado cordel. Portanto, para produzir cordel:

[...] É preciso seguir regras
Para escrever folhetos
Bem diferentes daquelas
Usadas pelos sonetos
Que é sempre dividido
Em quartetos e tercetos

Pois para escrever um texto
No estilo cordelista
Há três regras básicas que
Não podem perder de vista,
São a METRIFICAÇÃO
As RIMAS e a ORAÇÃO.
Isso é fácil! Não desista!
(MONTEIRO, 2003, p. 5).

A metrificação é a divisão dos versos em sílabas poéticas. Ocorre por meio da escansão, ou seja, através da contagem tanto dos sons quanto dos versos, levando em consideração o tom e o ritmo das palavras. Essas noções são assim expostas por Monteiro (2003, p. 6)

A MÉTRICA mede o tamanho
Do verso desenvolvido,

⁵ De forma análoga à Filosofia, a Literatura de Cordel também é norteadada pelo exercício da democracia.

UM VERSO É SÓ UMA LINHA
(Desde já fique entendido)
Que tem sílaba poética,
Fugindo, perde a estética,
Arranha e fere o ouvido.

Sílabas poéticas diferem
Das sílabas gramaticais
Porque a poética engloba
Uma, duas, três vogais,
Unindo um nome ao seguinte
Para audição dos ouvintes
Os sons é que são vitais

Agora mesmo estão vendo
Neste CORDEL sendo usadas
ESTROFES de SETE VERSOS
Com SETE SÍLABAS contadas;
A oração incluída
Está implícita e contida
Nas informações prestadas.

Percebe-se que a metrificação em sílabas poéticas é condição *sine qua non* para a construção de um poema estruturado em Literatura de Cordel. Em relação aos dois elementos essenciais para o gênero, oração e rima, Monteiro (2003, p. 3) afirma:

Voltando às 3 REGRAS BÁSICAS
MÉTRICA, ORAÇÃO RIMAR:
ORAÇÃO é o assunto
Do qual se queira FALAR,
RIMAR a gente consegUE
Quando o verso que segUE
Deixa o mesmo som no AR.

É assim, preste atenção:
Canal rima com banal,
Chego rima com chamego,
Soa o mesmo terminal;
Herda rima com deserda
Lacerda rima com merda
Não é difícil, afinal.

Tem a RIMA RICA, a POBRE;
RIMA POBRE é ADO e ãO;
RIMA RICA é PEDRA e CINZA,
Quanto à terminação
Poderão ser CONSOANTES
Quando os sons são semelhantes
Como PLATÃO e LATÃO.

Da primeira vogal tônica
Até a letra final
Há perfeita semelhança
Fonema e som, tudo igual;
Já RIMA TOANTE pede
Rimar-se VERDE com SEDE
Eis o diferencial.

A produção sistemática da obra literária, resultante dessa tríade, métrica, rima e oração, ou seja, a Literatura de Cordel, conforme Cavalcanti (2007) teve início, no Brasil no final do século XIX, com o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros⁶. O sucesso deste poeta, no nordeste brasileiro e em todo o país, é incontestável. Suas obras são referência para os produtores do gênero. A partir de Leandro, passa-se a produzir cordel em larga escala e diversos poetas surgem no cenário desta arte literária, consolidando-a. Hoje, o gênero segue de “vento em popa”, tanto nas publicações de materiais tradicionais quanto nas “asas” da internet.

Outro reduto em que essa literatura vem ganhando espaço, conforme expusemos, é na sala de aula. Sobre isso, Santos (2016) ressalta os aspectos linguísticos encadeados pelo gênero e as características deste. A autora assim se expressa:

[...] a Literatura de Cordel, quando usada em sala de aula, é um recurso de ensino que articula várias linguagens – a oralidade, o textual, o musical, o verbal e o não-verbal. Pode ser utilizada como recurso em diversas disciplinas, visto que é um gênero literário com linguagem simples, marcada fortemente pelo ritmo animado e pelos versos burlescos, expondo as realidades de cunho político, econômico, religioso, social, de uma maneira bastante acessível e divertida. É uma fonte de informação e entretenimento que abrange públicos de diferentes idades e classes sociais (SANTOS, 2016, p. 16).

Nesse sentido, diversas ações docentes exitosas podem ser observadas no cenário escolar. É o caso do professor de Língua Portuguesa e cordelista Manoel Belisario. Com os objetivos de incentivar a leitura e de divulgar o gênero, O mencionado professor desenvolve o Projeto de Literatura de Cordel chamado “Baú do cordel”. Para tanto, adquire com recursos próprios vários folhetos, enche um baú com eles e os coloca à disposição dos alunos, permanentemente na biblioteca e uma vez por semana na sala de aula. Os procedimentos metodológicos consistem na leitura individual, tanto na sala de aula, quanto em casa, pois os livretos também são disponibilizados para empréstimo.

Outra estratégia é a leitura coletiva de um mesmo folheto. Há o procedimento em que determinado aluno é convidado a ler um folheto para toda a turma. Além disso, o professor incentiva os discentes a lerem, para suas famílias, os folhetos que levam emprestados. De

⁶ Para mais detalhes sobre a Literatura de Cordel, além de Cavalcante (2007), consultar também: Abreu (1999), Dossiê da Literatura de Cordel – IPHAN (2018), entre outras fontes. Além dessas fontes bibliográficas, também sugerimos consultar alguns portais que disseminam a importância da Literatura de Cordel e fornecem um acervo de diversos trabalhos acadêmicos (Teses de Doutorado, Dissertações de Mestrado, Artigos Científicos, etc.) sobre o assunto: Academia Brasileira de Cordel, IPHAN, Cordel Paraíba, entre outros portais.

acordo com o docente, em comparação com outros gêneros, o cordel foi o mais apreciado pelos estudantes. O professor também constatou o aumento da frequência dos alunos, na biblioteca, sempre atraídos pelos folhetos.

Outro projeto desenvolvido pelo professor Manoel Belisario foi o “Cordel Encenado”. A fim de viabilizar a proposta, o professor adaptou dois folhetos de cordel para o formato de drama. Foram adaptadas as obras, “O político que engabelou o povo comprando voto fiado nas eleições de 2008” e “Peleja do aluno preguiçoso com o estudioso”, ambas da autoria do próprio docente.

O projeto teve como objetivo estimular e divulgar a Literatura de Cordel e o texto teatral, além de incentivar a participação dos discentes em atividades dramáticas. As peças foram ensaiadas duas vezes por semana durante um mês e quinze dias para serem apresentadas na escola e em um evento educativo promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. O resultado foi bastante satisfatório, pois os discentes se empenharam com a realização da proposta memorizando completamente seus textos, ensaiando a atuação, treinando as vozes e organizando figurino. Além das apresentações programadas, as duas peças foram expostas em mais três lugares, devido à repercussão lograda.

Constata-se, portanto, que a Literatura de Cordel é uma ferramenta literária que, quando utilizada pedagogicamente, produz resultados satisfatórios. A experiência expressa, na atuação do professor mencionado, está relacionada à disciplina Língua Portuguesa. Porém, podem ser encontrados na internet trabalhos acadêmicos com relatos de experiência de professores de matérias diversas, os quais descrevem resultados positivos em sala de aula, a partir da utilização do cordel como ferramenta didática.

Exemplo eficaz dessa prática é a produção e declamação de cordéis na abertura das atividades das Jornadas do PRP Filosofia (realizadas pelo próprio PRP Filosofia), em duas oportunidades: I) a I Jornada que ocorreu durante o período de 15 de agosto a 10 de outubro de 2019, formada por 08 (oito) encontros temáticos semanais, II) a II Jornada RP que foi realizada no dia 23 de janeiro de 2020.

Também há um diálogo profícuo entre a Filosofia e o Teatro, o que corrobora o processo de sensibilização no ensino de Filosofia, e dessa forma, contribui com a teoria da aprendizagem. Afinal, a sala de aula é um palco, cujo ator (o professor), socializa o conhecimento, ao mesmo tempo em que investiga a realidade social na qual o aluno está inserido, em um processo constante de entrada e saída da abstração.

Neste contexto, o Teatro de Rua contribui de forma significativa e relevante com a teoria da aprendizagem e isso ocorre tanto nos espaços de formação formal (escolas,

universidades, etc) quanto nos espaços não formais (nas ruas, nas praças, etc). Esta modalidade de teatro interfere de forma política, na perspectiva das transformações sociais para a emancipação humana.

Conforme Patrice Pavis, o Teatro de Rua é o "teatro que se produz em locais exteriores às construções tradicionais: rua, praça, mercado, metrô, universidade, etc" (PAVES, 1999, p. 385). Em sintonia com o pensamento de Pavis, Narciso Teles afirma: "O Teatro de Rua nasce da vontade de os artistas de teatro irem ao encontro do público que não possui possibilidade de acesso às salas ou está vinculado ao movimento político. É também um retorno às origens": a apresentação de Téspis em seu carro no meio do mercado de Atenas [...] (TELES, 2008, p. 12).

Neste contexto, o Teatro de Rua é uma expressão da cultura popular (com criticidade e criatividade, a partir do contexto social da população menos favorecida) e também de forma análoga à Literatura de Cordel e à Filosofia, é norteado pelo exercício da democracia.

Conforme Araújo, "O teatro de rua frequentemente se apresenta, de forma explícita ou implícita, a partir da perspectiva da classe trabalhadora, devido ao próprio *locus* onde ele acontece e também devido à origem de grande parte de seus fazedores" (ARAÚJO, 2016, p. 1340).

Sendo assim, o Teatro de Rua se insere em um contexto de descentralização de apresentações, acessíveis ao povo, não mais para uma plateia seletiva e em espaços fechados, restritos a uma elite, para exibir suas vaidades. Trabalha na perspectiva de transformação da rua em espaço cênico. Esse deslocamento da arte democratiza o teatro, porque atinge um público amplo e variado, de todas as classes sociais, credos, concepções ideológicas e faixa etária, ensejando uma sensibilização artística que aproxima o ator da plateia.

Neste contexto,

O teatro que ocupa os espaços públicos abertos acolhe a todos e liga, por meio dos espetáculos, num encontro entre cidadãos que podem voltar a descobrir o prazer da convivência sem medo pelo fato de reconhecerem, na diferença de quem está ao seu lado, a igualdade de ser humano (TEIXEIRA, 2014, p. 35).

O Teatro de Rua é uma temática de grande importância para pesquisas acadêmicas brasileiras (tanto na graduação quanto na pós-graduação) e a vivência com esta modalidade artística tornou-se relevante e significativa tanto para a educação formal (no espaço institucional) quanto não formal (fora do espaço institucional).

Ainda com relação ao teatro de Rua, Araújo discorre sobre a importância do “teatro de grupo brasileiro” cujas produções ainda que não sejam tão conhecidas, têm se destacado por suas relevantes contribuições no cenário acadêmico brasileiro (de forma particular) e latino-americano (de modo geral). De acordo com Araújo,

O teatro de grupo está presente nas referências das disciplinas estudadas, no entanto, principalmente a partir das (ainda) poucas pesquisas realizadas no Brasil acerca dos trabalhos dos grupos, com destaque para as obras do próprio professor Narciso Telles, do professor André Carreira e também a obra “Teatro de rua” dos pesquisadores italianos Fabrizio Cruciani e Clelia Falletti (1999), que contém um capítulo sobre o teatro de rua brasileiro, escrito por Fernando Peixoto (ARAÚJO, 2016, p. 1352).

Convém destacar que o Teatro de Rua, que traz no seu escopo a crítica social, na perspectiva do desenvolvimento crítico e intelectual dos povos, bem como a divulgação de outras modalidades artísticas, que com frequência são inseridas nos espetáculos, tais como música, dança, literatura, artes circenses, etc, também contribui de forma significativa e relevante para a educação.

Neste contexto, com o propósito educativo, Ismael Farias (ator de Teatro e Cinema) tem atuado em diversas frentes do Teatro de Rua. Quando ministrou aulas, percebeu que as suas experiências com o teatro foram muito úteis no exercício da profissão docente, pois utilizava com frequência, em sala de aula, técnicas teatrais para chamar e prender a atenção dos alunos. E, durante o curso de Teatro, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), enquanto cursava matérias conjuntas com a turma de licenciatura, foi instigado a criar uma proposta educativa para um curso de artes.

Imediatamente, veio-lhe a ideia de lançar proposta voltada para o Teatro de Rua, por tratar-se de uma modalidade artística que por si só, se torna um excelente atrativo para um público das mais variadas faixas etárias e, portanto, se apresenta como um nicho promissor, a ser explorado por educadores.

Neste sentido, Ismael Farias teve experiência com a elaboração (e implementação) de propostas sócio-educacionais com o propósito de ministrar oficinas de teatro com temáticas do currículo escolar ou temas importantes para a promoção da consciência social, para atuação em escolas e em comunidades da cidade de Manaus, em diversos espaços, tais como: quadras poliesportivas, praças, terrenos baldios, etc.

Nesta perspectiva, a Literatura de Cordel e o Teatro de Rua podem contribuir, significativamente, com o Ensino de Filosofia. Sendo assim, o professor de Filosofia não deve restringir o seu trabalho filosófico à mera formalidade institucional da sala de aula, quando se

dispõe a sensibilizar seus alunos para a leitura e outras vivências filosóficas, o que não significa abandonar nem o rigor filosófico nem a prática argumentativa.

2. Breve análise de alguns cordéis usados para sensibilização nas duas Jornadas do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Filosofia (PRP Filosofia)⁷

A formação dos acadêmicos da Licenciatura em Filosofia deve estar ancorada em conteúdos filosóficos, com uma base teórica apoiada na tradição, desde os clássicos da Filosofia até a atualidade, bem como em estratégias metodológicas para o ensino de Filosofia que sejam capazes de traduzir os fundamentos teóricos desta disciplina, que devem ser ministrados em conexão com a conjuntura social na qual os discentes estão inseridos.

Neste contexto, com o propósito de sensibilizar um conjunto de atividades de formação dos discentes integrantes do PRP Filosofia (para as Jornadas RP Filosofia), o professor José Belizario Neto (coordenador de área do Subprojeto Filosofia do PRP/UFAM) planejou e executou juntamente com o professor e poeta Manoel Messias Belisario Neto um projeto para elaboração e declamação de nove cordéis⁸ (dos quais analisaremos, brevemente, apenas três, como falamos anteriormente):

I - “Filosofia é Resistência”⁹; II- “Ensino de Filosofia, Fanzine e Poesia”; III- “Uma ‘nau’ Filosófico-Educacional”.

Destarte, as declamações dos cordéis aconteceram de forma coletiva, sequenciada, interativa e teatral, envolvendo os residentes acadêmicos do curso de Filosofia com os demais estudantes. Sendo assim, aconteceu uma sensibilização filosófica de forma efetiva, com o propósito de fazer a transposição das linhas gerais dos conteúdos apresentados pelos

⁷ Para as duas jornadas, foram produzidos e declamados nove cordéis. Por questão de brevidade, analisaremos apenas três dos referidos cordéis e traremos somente uma amostra de estrofes dos cordéis que serão analisados.

⁸ “Filosofia na Praça”, composto com 62 estrofes (usado na abertura da I Jornada, de autoria de José Belizario); 2) “Filosofia é Resistência”, composto com 27 estrofes (usado no segundo encontro da I Jornada, de autoria de Manoel Belisario, José Belizario e Ismael Farias); 3) “Ensino de Filosofia e Pluralismo Cultural”, composto com 20 estrofes (usado no terceiro encontro da I Jornada, de autoria de José Belizario e Manoel Belisario); 4) “Filosofia do Povo”, composto com 21 estrofes (usado no quarto encontro da I Jornada, de autoria de José Belizario e Manoel Belisario); 5) “Ensino de Filosofia com Autonomia e Democracia”, composto com 20 estrofes (usado no quinto encontro da I Jornada, de autoria de José Belizario e Manoel Belisario); 6) “Práxis e Educação Popular”, composto com 28 estrofes (usado no sexto encontro da I Jornada, de autoria de José Belizario e Manoel Belisario); 7) “Ensino de Filosofia e o Sentido da Vida”, com 35 estrofes (usado no sétimo encontro da I Jornada, de autoria de José Belizario e Manoel Belisario); 8) “Ensino de Filosofia, Fanzine e Poesia”, com 21 estrofes (usado no encerramento da I Jornada, de autoria de José Belizario, Manoel Belisario e Lucas do Prado); 9) “Uma ‘Nau’ Filosófico-Educacional”, com 64 estrofes (usado na II Jornada RP Filosofia, de autoria de José Belizario).

⁹ Convém destacar que no dia 22/04/2019 (antes mesmo da I Jornada), o cordel “Filosofia é Resistência” foi declamado coletivamente (com a participação especial de Ismael Farias, que para a abertura da declamação do referido cordel, apresentou uma amostra autoral de Teatro de Rua, intitulada “Paissarinho”). A amostra teatral e a declamação do cordel ocorreram durante a abertura das “Oficinas sobre estratégias Metodológicas para o Ensino de Filosofia”, evento organizado pelo PRP Filosofia e PIBID Filosofia da UFAM.

expositores nos encontros temáticos das Jornadas do PRP Filosofia. As declamações para abertura dos trabalhos, durante cada atividade das Jornadas, estimularam os docentes desta disciplina em formação a transpor a sensibilização com o uso de cordéis nas leituras de Filosofia durante a regência de aulas no ensino médio.

O primeiro cordel, “Filosofia é Resistência” é uma “Carta Manifesto”, com o propósito de denunciar tanto os ataques à Filosofia e à democracia, quanto à retirada dos direitos sociais (em favor da elite dominante) e a perseguição aos professores; bem como fazer um convite à resistência coletiva e ao esclarecimento da população, entre outros pontos.

Vejamos algumas estrofes do cordel:

1. O apetite filosófico
Torna o “solo” fecundo.
Fazendo a Filosofia
Se conectar com o mundo.
Reflete de forma simples
Um pensamento profundo.
(...)

4. O útero da Grécia Clássica
Pariu a Filosofia
Porque lá foi favorável
Para a democracia,
Debata em praça pública
E muita autonomia.

5. Porém a Filosofia
Sofreu a perseguição
De uma elite corrupta
Que impôs a opressão
Para quem não fosse cúmplice
Da sua aberração.

6. Um exemplo conhecido
Foi o que aconteceu
Com o Sócrates, de Atenas
Filósofo que morreu
Em prol da Filosofia
E à razão favoreceu.

7. Mas os algozes de Sócrates
Não pararam em Atenas
São presentes hoje em dia
Se dedicando apenas
Em matar e caluniar
Gerando terríveis cenas.

8. De fascismo e miséria
Expansão da violência.
Vivemos dias difíceis
De verdadeira sofrência,
Retirada de direitos
E um país sem gerência.

9. Fazemos pequena lista
Do que ora é ofertado
De pior para o povo
E o melhor para o mercado,
Das decisões pelos ricos
Para o povo abandonado:

10. O fim de concurso público,
Previdência social,
Perseguição ao docente
E ao movimento social,
Armamentos para os ricos,
Aos pobres o fim fatal.
(...)

17. Outro ilustre personagem
Que no cordel tem ação,
Assim como fez na vida
Também agiu na ficção.
Esse homem destemido
Foi de todos conhecido
Por nome de "Lampião".

18. No mundo de desmantelos
Dos coronéis do Sertão
O povo não tinha vez.
Vivia sem salvação.
Ruminando feito gado
Sem voz e sem vez, calado.
Faltava na mesa, o pão.
(...)

23. A partir desses exemplos,
Podemos observar
Que as histórias de cordel
Nos chamam a descruzar
O braço e seguir pra luta.
O tempo traz a batuta.
Cabe a nós não se aquietar.

24. Precisamos resistir,
Pois não há outra saída.
Muitos dos antepassados
Doaram as suas vidas
Para termos dignidade,
Enfrentaram a maldade
Numa batalha aguerrida.
(...)

27. Devemos esclarecer
Nosso amigo, nosso irmão
Nosso pai, nosso vizinho
Devemos de coração
Conscientizar sem sessar
Sem parar nem vacilar
Pois nosso algoz é um Cão.

(BELISARIO NETO;
BELIZARIO NETO; FARIAS,
2019, n. p.).

O cordel, acima, expressa um sentimento de indignação ao fascismo que dissemina ódio, violência e desinformação. Como consequência do fascismo, ocorre a retirada dos direitos sociais e o sucateamento dos serviços públicos e a ameaça à liberdade de cátedra do professor, com a implementação de “famigerados” projetos (como por exemplo, “Escola Sem Partido”, “Reforma do Ensino Médio”, entre outros) elaborados por uma elite “periférica” que odeia o povo.

De acordo com o conteúdo do cordel, somos provocados a exercitar uma “filosofia da práxis”, porque,

A filosofia da *práxis* versa sobre a teoria e a prática, pois o filósofo precisa realizar reflexões teóricas, entretanto, necessita, também, de abordar questões práticas e objetivas. Ou seja, realizar a ligação entre a teoria e a prática com o propósito de efetivar uma transformação da realidade social (MAZOTI; SILVA, 2016, p. 153).

Sendo assim, a vivência com o ensino de Filosofia, ancorada na filosofia da práxis, proporciona a emancipação humana de todos os atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (tornando-os construtores de sua própria história). Neste contexto,

No âmbito do ensino da filosofia, advogamos que o intuito é a emancipação reflexiva do sujeito que proporcione um aparato intelectual para os estudantes e, assim, os formem integralmente nos aspectos do conhecimento intelectual, estético e ético. O investimento na articulação da atividade filosófica pelos estudantes através do incentivo à análise de seus sentidos comuns que devem ser relacionados com as considerações proporcionadas

pela filosofia e, por conseguinte, o encadeamento do exercício de fundação de argumentos que, por vezes, eram inconsistentes e contraditórios. Alcançado este objetivo, podemos educar estudantes que se reconheçam como sujeitos de suas histórias formativas (MAZOTI; SILVA, 2016, p. 165).

Neste sentido, o cordel faz um chamamento para marcar resistência a todas as políticas de atraso social, pois todas as conquistas que tivemos são frutos das lutas da geração atual e de muitos que nos antecederam (doando suas próprias vidas). Diante de tal convite, o ensino de Filosofia deve incidir para uma formação integral dos discentes, com o propósito de sensibilizá-los para a compreensão dos conteúdos filosóficos conectados com sua realidade social.

O segundo cordel, “Ensino de Filosofia, Fanzine e Poesia” teve como propósito refletir sobre o poder da poesia (que é capaz de “grande revolução”) e sua importância para a Filosofia e seu ensino. A comunhão entre a Filosofia e a Poesia é capaz de transformações “revolucionárias”: percepção do que é possível mudar, desmascaramento da opressão, estabelecimento de um diálogo profícuo com a população (levando-a ao esclarecimento da realidade social), superação das contradições, entre outras mudanças. Logo, o ensino de Filosofia “embebido” de Poesia torna o ato de conhecer mais agradável e desejoso, proporcionando oportunidades para uma multiplicidade de leituras. Sendo assim,

Os poetas abundam, os grandes e os pequenos, os célebres e os obscuros, os que amamos e os que fascinam. Quem vive para a poesia deve ler tudo. Quantas vezes, de uma simples brochura, jorrou para mim a luz de uma imagem nova! Quando aceitamos ser animados por imagens novas, descobrimos irisações nas imagens dos velhos livros. As idades poéticas unem-se numa memória viva. A nova idade desperta a antiga. A antiga vem reviver na nova. Nunca a poesia é tão una como quando se diversifica. (BACHELARD, 1996, p. 25-26).

Vejamos algumas estrofes do cordel:

1. Filosofia com poesia
É ato de comunhão
Da práxis comprometida
Com uma transformação.
Nos ajuda a enxergar
O que é possível mudar
Junto da população.

2. A poesia é capaz
De grande revolução
Conseguindo penetrar
No meio da multidão
Levando-a a refletir
Para depois resistir
Contra qualquer opressão.
(...)

7. Muitos dos poetas são
 Cativos do preconceito
 Do “iluminado”, opressor,
 Fake de “grande conceito”,
 Se julgando “pensar rico”,
 Acham que pagamos mico,
 Poetizar é defeito

8. De quem realiza atos
 Que não tem a relevância
 Da pesquisa acadêmica.
 Algo sem a importância
 Dos verdadeiros problemas
 Filosóficos com temas
 Que se encontram à distância.
 (...)

13. Temos então aliança:
 Filosofia e poesia
 Tomando então o fanzine
 Como uma espécie de guia
 Para fazer abertura
 De um diálogo à altura
 Da nossa Filosofia.

14. Que apesar de ser tão alta
 E também ser milenar
 Não é direito de poucos
 Todos podem alcançar.
 Mas precisa ter amor
 Junto com muito rigor
 Para um bom filosofar.

15. Seu ensinamento exige
 Uma didática aprazível
 E por meio do fanzine
 Filosofar é possível.
 Fanzine com poesia
 Abre pra democracia
 E um pensar acessível.

16. A arte é uma linguagem
 Transparente e universal.
 Proporciona um pensar
 Rigoroso e racional.
 Contribui com a educação
 Trazendo iluminação
 Sem pensamento boçal.

17. Filósofo educador
 É sim atributo meu
 Ou para isso preciso
 Ser iluminado europeu?
 Coisa de alienado.
 É pensar colonizado
 E disso estou fora eu.
 (...)

20. Para conscientizar
 O povo da aberração
 Que é o mercantilizar
 Nossa própria educação
 É ensinar Filosofia
 Com muita sabedoria
 Para a emancipação.

21. É possível este ensino,
 Pois traz metodologia
 Inovada e criativa
 Numa dupla companhia:
 O fanzine colorido
 Juntamente com o florido
 De uma crítica poesia

(BELIZARIO NETO;
 BELISARIO NETO; PEREIRA,
 2019, n. p.).

A mensagem transmitida pelo cordel é um chamado de atenção para a importância de se ensinar Filosofia com rigor, mas fora dos padrões da educação tradicional, nos quais, o professor é autoritário e se posiciona diante dos seus alunos como sendo o único detentor do conhecimento. O cordel também pretende mostrar uma nova experiência filosófica, filosofando com a própria poesia e a produção de fanzines, na perspectiva de apresentar uma experiência diferenciada, e, portanto, especial. Neste contexto,

Para nós, que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre comunicação de alguma nova experiência tem sabor especial. A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como ela é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor (PINHEIRO, 2018, p. 17).

Portanto, em sintonia com a temática do artigo, o cordel apresenta um diálogo “triangular” entre a Filosofia, a Poesia e o Fanzine (cujo “colorido” contribui para a democratização dos conhecimentos filosóficos, impedindo que a Filosofia se torne elitizada e seja conhecida apenas por poucos).

O terceiro e último cordel analisado, “Uma ‘nau’ Filosófico-Educacional” teve como propósito historicizar, resumidamente, todo o período da experiência pioneira do PRP Filosofia (que teve início em agosto de 2018 e término em janeiro de 2020), fazendo uma avaliação do processo formativo da RP Filosofia e um convite à reflexão após o fechamento de ciclo do nosso Subprojeto Filosofia.

Vejam algumas estrofes do cordel:

1. Meu leitor, minha leitora
Peço atenção, por favor!
Para o que eu vou falar
Com rigor e muito amor
Sobre a visão de uma “nau”
Filosófico-educacional
Que jamais se “atracou”.

2. Do interior dessa “nau”
Faço retrospectiva.
Uma nobre experiência
Com muita perspectiva
Da formação do docente,
Filósofo, eficiente
Que a aprendizagem cultiva.
(...)

4. Sabemos que é difícil
Falar tudo em um cordel,
Mas faremos um esforço
Como se fosse um “rapel”
De resumir fielmente
O passado e o presente
Valorizando o papel

5. De todos os envolvidos
Na RP Filosofia:
Residente em formação,
Preceptor em sintonia
Com nossa coordenação,
Bem como com a gestão
Das escolas, todo dia.

6. Não deixaremos de fora
O papel dos estudantes
De cada uma das escolas,
Pois eles são relevantes
Para uma reflexão
Mergulhada na ação
Para práxis constantes.
(...)

11. Filosofia e poesia;
Cordel e literatura;
Relato de experiência
Com um banho de cultura;
Ensino com resistência,
É a nossa residência,
Conhecimento em fartura.
(...)

15. Este momento marcante,
“Filosofia na Praça”
Envolvendo as escolas
Numa formação que traça
Um perfil de professor
Que educa com amor
Atitude e muita “raça”.
(...)

19. A arma da nossa “nau”
É nosso conhecimento.
Nos ajuda a combater
Todo e qualquer tormento
De ataque à Filosofia.
Conhecer é nosso guia
Pra o nosso discernimento.

- (...)
 24. De dentro da nossa “nau”
 Pode-se visualizar
 Reuniões pedagógicas
 Com todos a dialogar.
 Buscam metodologia
 Pra nossa Filosofia
 Do melhor modo, ensinar.
 (...)
26. Residente em formação
 Aprende com o professor.
 Professor experiente
 Compartilha com primor
 Toda a sua vivência,
 Teoria e experiência.
 Tem doçura no rigor.
 (...)
29. O encontro com alunos
 Da escola favoreceu
 Para um novo repensar
 Sobre o que se aprendeu
 Dentro da academia.
 Algo que nos desafia
 A sair do próprio “eu”.
30. Estes contatos constantes
 Entre Academia e Escola
 Nos levam a perceber
 Que Educação não é esmola
 De repassar fragmento
 De riqueza, 3%,
 Por governante “gabola”
31. Que alardeia pelo mundo
 Que a educação para o povo
 Já não deve ser mais pública.
 E agora há um modo novo
 Que é a privatização
 De toda a Educação.
 Isto é mesmo um estorvo.
 (...)
43. A RP Filosofia
 Foi espaço considerado
 Para consolidação
 Do Estágio Supervisionado
 Com uma preparação
 Partindo da ambientação
 De professor e alunado.
 (...)
45. Vivenciou-se o tripé
 Do ensino e da pesquisa
 Bem como da extensão
 Tudo de forma precisa
 Para a otimização
 De uma boa formação
 Filosófica com “brisa”.
 (...)
48. A produção com rigor
 Foi o nosso desafio
 Que levou a uma jornada,
 Feita com bastante brio,
 Com objetivo central
 No alto nível e grau,
 Protagonismo estudantil.
 (...)
53. É chegado o momento
 Da nossa grande partida
 Já fora da RP
 Para tocar nossa vida
 No coletivo ou sozinho,
 Voar como passarinho
 À procura de guarida.
54. Para tomar decisões
 Por conta própria, sozinho,
 Correndo todos os riscos
 De se ferir com “espinho”,
 Urge responsabilidade
 Sem qualquer banalidade
 Dos medos pelo caminho.
 (...)
57. Desafios continuam
 Com novas aprendizagens.
 Novas portas abrirão
 Para mostrar paisagens
 Abstratas ou concretas,
 Demonstráveis ou secretas
 No meio das “engrenagens”.
 (...)
59. O que pensar para além
 Deste momento de agora,
 Sem esquecer o que está
 Dentro nem do que está fora
 Da RP, nossa história
 Registrada na memória
 Para a nossa vitória?
 (...)
63. Determinados, confiantes,
 Toquemos o “barco” à frente
 Porque a jornada é longa,
 Sem qualquer temor na mente,
 Defendamos a Filosofia
 Com garra, com alegria
 E de forma abertamente.
64. Enfim, continua a luta
 Por nossa causa maior:
 Preservar a Filosofia
 E o bem ao seu redor,
 Junto com a educação
 Com muita transformação
 Para um mundo melhor.
 (BELIZARIO NETO, 2019, n. p.).

A retrospectiva e a avaliação da RP Filosofia apresentadas, neste último cordel, expressam, com clareza, a importância da formação de professor de Filosofia norteadas pelo exercício da democracia (em um constante diálogo entre a teoria e a prática, conforme defendemos incansavelmente neste artigo), na perspectiva de resistência aos preconceitos dos jargões de um elitismo filosófico de que “a filosofia é para poucos”, restrita apenas aos “iluminados”. Sendo assim,

A teoria e a prática são compreendidas como uma formação humana e não como algo já pronto, tornando possível pensar a construção de uma nova educação voltada para uma nova sociedade, mesmo que dentro de certos limites. Consideramos que ao trabalhar o preconceito existente em relação à filosofia e a disseminação do conceito de que todo homem, em algum grau, pode ter pensamentos filosóficos, pois não é necessário ser um filósofo profissional para possuir pensamentos reflexivos, despertaria o interesse dos alunos do ensino médio para a disciplina filosofia, já que, através da filosofia da práxis, seriam motivados a pensar e agir filosoficamente em todos os âmbitos, seja na escola ou nas próprias questões pessoais (MAZOTI; SILVA, 2016, p. 160-161).

Convém destacar que, de acordo com o cordel, no ato de “ensinabilidade” filosófica, professor aprende com aluno e vice-versa, nos remetendo à pedagogia libertadora de Paulo Freire, segundo a qual, o docente não é o único detentor do conhecimento diante do discente.

As “visões” da “Nau Filosófico-Educacional” afirmam que nas vivências da RP Filosofia ocorreu a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, incidindo na consolidação de uma formação filosófica assentada em uma “práxis” que assegurou o rigor filosófico, mas sem a “sisudez” elitista que afasta a Filosofia da juventude. Neste sentido, o rigor filosófico estava em harmonia com o exercício da democracia (que mediou a relação professor-aluno) e oportunizou a realização das Jornadas RP Filosofia, tendo como objetivo central “mostrar o protagonismo estudantil”.

A historicização, avaliação e reflexões do cordel “Uma ‘nau’ Filosófico-Educacional” expressaram, com bastante clareza, os diversos “princípios” que nortearam o subprojeto pioneiro da RP Filosofia, a saber: 1) o exercício da democracia; 2) rigorosidade metódica; 3) resistência coletiva; 4) autonomia e liberdade; 5) “indignação sem perder a ternura”; 6) “espírito coletivo”; 7) “banho de cultura”; 8) dialogicidade; 9) convívio “fraternal”; 10) responsabilidade social; 11) prática docente sem arrogância, sisudez e raivosidade. Neste contexto, conforme as palavras de Paulo Freire,

Estou convencido, porém de que a rigorosidade, a séria disciplina intelectual, o exercício da curiosidade epistemológica não me fazem necessariamente um ser mal-amado, arrogante, cheio de mim mesmo. Ou, em outras palavras, não é a minha arrogância intelectual a que fala de minha rigorosidade científica. Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente (FREIRE, 2009, p. 165).

Com esta concepção “filosófico-educacional” somos provocados a impedir que a Filosofia seja banalizada, como se fosse um conhecimento qualquer sobre qualquer coisa e qualquer pessoa pudesse ensiná-la, bem como ministrá-la desconectada da conjuntura social na qual os discentes estão inseridos. Sendo assim,

O desafio é evitar que a Filosofia acabe sendo somente uma teoria ou um discurso sobre qualquer coisa, mediante o qual não se toma contato com a vida nem com os problemas concretos das pessoas. É preciso transformá-la numa experiência significativa, através de metodologias e conteúdos que conduzam à reflexão e, ao final de seu exercício, com o objetivo de ajudar a esclarecer um pouco mais sobre os distintos e contraditórios aspectos do conhecimento e da sociedade (CARMINATTI, 2012, p. 37).

Deste modo, a formação tem um papel relevante no sentido de preparar os profissionais da educação a intervir, de maneira dialógica, para as transformações da realidade social em favor dos menos favorecidos, juntamente com a comunidade escolar, reconhecendo que não é superior nem inferior a qualquer outro profissional ou outro ser humano. De acordo com Paulo Freire,

(...) Não sendo superior nem inferior a outra prática ‘profissional’, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas (...) (FREIRE, 2009, p. 163).

O cordel encerra fazendo um convite à defesa da Filosofia, com resistência, firmeza, alegria e de forma pública porque a preservação da Filosofia é a nossa causa maior. No escopo da defesa da Filosofia também deve acontecer a defesa da educação de uma forma geral, na perspectiva das transformações sociais para um mundo melhor. Neste contexto, o cordel expressa que sem a Filosofia não há democracia e vice-versa.

Considerações finais

A prática da declamação coletiva de cordéis, durante as Jornadas do PRP Filosofia, proporcionou, de forma efetiva e consolidada, a sensibilização de cada temática das atividades ministradas durante estes eventos de formação de professores. As nossas expectativas sobre a conexão entre Ensino de Filosofia, Literatura de Cordel e Teatro de Rua (tendo como fio condutor o exercício da democracia) foram superadas.

As vivências com declamações de cordel no PRP Filosofia não se limitaram às atividades de formação na UFAM, pois muitos residentes ensaiaram e declamaram cordéis com os alunos do Ensino Médio, tanto em sala de aula quanto em eventos organizados pelas escolas.

Podemos dizer que, apesar dos limites e desafios, os docentes de Filosofia em formação vivenciaram algumas experiências de “poeta como educador do seu povo”. Neste contexto,

A concepção do poeta como educador do seu povo – no sentido mais amplo e profundo da palavra – foi familiar aos gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável dessa concepção geral e, por assim dizer, sua manifestação clássica (JAEGER, 1986, p. 61).

Dessa forma, as vivências, durante as Jornadas do PRP Filosofia, revelaram a importância da formação continuada e que todos os formadores também se formavam no ato de formar os discentes. Nesta perspectiva, vejamos o que diz Cavalcanti sobre a formação do professor:

No campo da reflexão sobre o que deve ser um professor no contexto social atual, de como deve ser sua formação para cumprir as tarefas sociais que lhe são exigidas, destacam-se: o processo de formação é de fato um processo de auto formação; a formação é um processo contínuo; a formação inicial e continuada tem como princípio a articulação ensino-pesquisa, ação-reflexão; o exercício da atividade profissional tem como base a reflexão crítica do professor. Outro elemento que tem sido considerado importante na formação do professor é o da construção da identidade profissional e seu papel nessa formação (CAVALCANTI, 2003, p. 195).

Sendo assim, a tarefa pedagógica e política na atividade docente com a Filosofia no Ensino Médio exigem comprometimento da escola pública e dos professores de Filosofia (tanto da educação básica quanto do ensino superior). Mas o comprometimento destes atores por si só não assegura uma política de ensino de

Filosofia adequada aos princípios que defendemos neste artigo. Neste sentido, é necessário que sejam implementadas políticas públicas educacionais de estado e não meramente de governos. Daí a importância da nossa organização para a luta coletiva em defesa da Filosofia (de forma particular) e da Educação (de uma forma geral). A luta coletiva é também um ato filosófico-pedagógico, porque quando lutamos em defesa dos direitos sociais, também vivenciamos o exercício da práxis filosófico-educacional, na busca das transformações sociais, perspectivando a construção de um mundo melhor.

Referências

ARAÚJO, A. F. (2016). Teatro de Rua na Universidade: inserções e ausências. In: IX Congresso da Abrace - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas, 2016, Uberlândia. *Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*, 2016, p. 1334 - 1357.

BACHELARD, Gaston (1996). *A poética do devaneio*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.

BELISARIO NETO, Manoel Messias; BELIZARIO NETO, José. FARIAS, Ismael Newton de Oliveira. *Cordel Filosofia é Resistência*. Manaus-AM: Edição dos autores, 2019. Não publicado.

BELIZARIO NETO, José; BELISARIO NETO, Manoel Messias; PEREIRA, Lucas do Prado. *Cordel Ensino de Filosofia, Fanzine e Poesia*. Manaus-AM: Edição dos autores, 2019. Não publicado.

BELIZARIO NETO, José. *Cordel Uma “Nau” Filosófico-Educacional*. Manaus-AM: Edição do autor, 2019. Não publicado.

CARMINATI, Celso João (2012). “Formação e ensino de filosofia”. In: MATOS, Junot Cornélio. *Revista Perspectiva Filosófica: Revista dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da UFPE e UFPB*. Volume II, Nº 38. Recife/PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. p. 29-44.

CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis (2007). *A atualidade da literatura de cordel*. 2007. 175 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

CAVALCANTI, L. de S (2003). *A Formação do Professor de Geografia – o Lugar da Prática de Ensino*. in: Concepções e Prática em Formação de Professores diferentes olhares. Rio de Janeiro: DP&A.

COURTNEY, R (2006). *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Editora Perspectiva.

FAVARETTO, Celso (2004). *Filosofia, ensino e cultura*. In: KOHAN, Walter O. *Filosofia: caminhos para seu Ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 43-53.

FREIRE, Paulo (2009). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

JAEGER, Werner (1986). *Paideia: A Formação do homem Grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes.

MAZOTI, Patrícia Aurora Corrêa; SILVA, Vandeí Pinto da (2016). “Filosofia da Práxis: Experiências no Ensino Médio”. *Trilhas Pedagógicas*, v. 6, n. 6, Ago. 2016, p. 151-165.

MONTEIRO, Manoel (2003). *Quer escrever um cordel? Aprenda a fazer fazendo*. Campina Grande: Gráfica Martins.

PAVIS, Patrice (1999). *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva.

PETRONÍLIO, Paulo (2012). *Literatura, Vida e Linguagem em Gilles Deleuze*. Guará, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 50-69, jan./jun. 2012.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3.ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SANTOS, Alzanira de Souza (2016). *O ensino por meio da literatura de cordel*. 2016. 200f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação, Instituto Federal do Amazonas, Manaus.

SILVA, Amanda de Oliveira (2012). *Clássicos do cordel: desenvolvendo o projeto gráfico de uma coleção de folhetos da literatura de cordel*. 2012. 87f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA. Design, Caruaru, PE.

SOUZA, Natan Severo de; PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade; LIMA NETO, Isaías Serafim de. *A poesia como instrumento didático de reflexão no ensino de filosofia: diálogo possível. II CONEDU – Congresso Nacional de Educação*. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA6_ID2059_17082015161431.pdf. Acesso em 25/07/2019.

TEIXEIRA, Adailton Alves (2014). “Algumas reflexões teóricas: espaço, território, territorialização, lugar e Teatro de Rua”. *Arte e Resistência na Rua*. Revista do Movimento de Teatro de Rua de São Paulo, São Paulo, ano IV, nº 4, p. 35, ago., 2014.

TELLES, Narciso (2008). *Pedagogia do Teatro e o Teatro de Rua*. Porto Alegre: Mediação.

VOLKER, Paulo (1999). *Filosofia e Literatura ou as relações perigosas*. In: KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina (org.). *Filosofia para crianças em debate*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 139-146.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1997). *Filosofia da práxis*. Tradução: Luiz Fernando Cardoso. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Recebido em: 14/09/2020

Aprovado em: 10/11/2020